

É importante assinalar que são três momentos diferentes da elaboração de Saussure. No entanto, a questão sempre é a combinação de dois elementos distintos entre si que, ao se associarem nessa célula, se alteram e formam outro elemento. Tal complexidade engendra domínios diferentes para cada um desses elementos. Após a associação, como se vê no CLG, eles são da linguística; fora da associação, um é da psicologia pura e outro da fonologia pura. No EDL, esses domínios passavam pela semiologia e pela fonética.

É preciso também observar que Saussure, quando está às voltas com a elaboração sobre o signo, no EDL, é bastante atento à questão das relações entre os elementos componentes dessa célula mínima, assim como dela própria. Em uma formulação sua do CLG, ele é bastante enfático: “O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 139). Além disso, a elaboração de Saussure sobre o signo linguístico implica a constituição de outra questão teórica: a combinação dos elementos de duas ordens produz uma forma, não uma substância.

Notadamente, a trajetória de Saussure até essa conclusão é longa e acidentada, mas é enquanto Saussure escreve que a sua aventura de linguista é realizada. Acompanhando um pouco mais o EDL, veremos os destinos dessa aventura. Portanto, em seguida, nos voltaremos para essa questão da forma e da substância no manuscrito *De l'essence double du langage* para surpreender Saussure em tal elaboração.

CAPÍTULO 3 - FORMA E SUBSTÂNCIA

Nunca nos compenetrámos o bastante dessa verdade [a língua é uma forma, e não uma substância], pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de

designar as coisas da língua provêm da suposição involuntária de que haveria substância no fenômeno linguístico. (Saussure)

A forma e a substância podem ser entendidas como elementos constitutivos de uma infinidade de objetos, sejam eles considerados na sua empiria ou não. A discussão sobre esse par remonta à Grécia Antiga. Assim, é comum que, mesmo nas ciências, forma e substância tenham sido alçadas, de maneira direta ou oblíqua, a responder pela complexidade do seu objeto. Não foi diferente no caso da língua(gem).

De qualquer modo, definir o lugar que cada uma delas tem na constituição de determinado objeto é desafiador para os cientistas e inspirador para os poetas, como se pode depreender da epígrafe deste capítulo. Os linguistas, que não raro oscilam entre a ciência e a poesia, se veem às voltas com esse desafio de maneira decisiva desde que, no século XX, ficou conhecido o aforismo saussuriano “a língua é forma e não substância”, presente no CLG. No entanto, mesmo antes dele, esse desafio se colocava àqueles que foram capturados pela língua(gem) enquanto um enigma³².

Na recepção da produção saussuriana, o par teórico forma e substância foi prontamente reconhecido na sua importância para todo o aparato epistemológico elaborado por Saussure. As discussões que daí se seguiram foram tanto caudalosas quanto rigorosas. O depoimento de Frei assim o atesta:

Effectivement, après plus de trente années d'exégèse saussurienne, cette idée [a língua é forma e não substância] n'est pas encore un fait acquis. A l'exception de M. Hjelmslev et de l'école de Copenhague,

32 Ver Rousseau um genebrino que, no século XVIII, no clássico Ensaio sobre a origem das línguas, ao se colocar tal questão (que dá título ao célebre livro), acaba por levantar diversas hipóteses sobre a natureza mesma da língua, passando pela sua forma e também por uma substância, sem, no entanto, chegar a uma teoria da língua na qual esses dois elementos fossem entendidos no funcionamento específico da linguagem.

la plupart, quand ils s'expriment, ou bien la rejettent expressément ou bien ne l'acceptent qu'avec des réserves. Il s'est même trouvé quelqu'un qui, la confondant avec un tout autre problème, celui des identités et des différences, n'a pas encore découvert qu'il existe une telle hypothèse (FREI, 1950, p. 12-13).

O linguista, conterrâneo de Saussure, acompanhou de perto as querelas das primeiras recepções da fundação da linguística, e nos dá a medida da complexidade da discussão sobre a forma e a substância, bem como da sua extensão teórica. Nós seguimos Saussure nessa aventura pelo manuscrito, buscando os traços da sua elaboração sobre as noções de forma e substância, cuja discussão já está indicada no próprio título do documento.

A partir do tradicional dicionário filosófico de Ferrater Mora (1958) sabemos da proximidade entre essência e substância. Aristotélicos, estoicos e cartesianos se ocuparam da noção. Saussure nem sempre se referiu à tradição filosófica, mas tampouco foi imune a ela, como comprovam o EDL e o CLG. A relação entre essência e substância é conhecida na filosofia: Espinosa (*apud* FERRATER MORA, 1958, p. 1291, grifo nosso) afirma que o atributo é “aquilo que o entendimento conhece da **substância como constituinte da sua essência**”, sendo o atributo aquilo que se afirma ou nega de um sujeito. A discussão sobre esse tema, na filosofia, é extensa, e não a abordaremos neste trabalho. Interessa-nos somente perceber que, apesar de não se referenciar a nenhum autor, Saussure parece estar ciente dessa relação entre atributo e substância, já que faz menção explícita ao atributo quando afirma que “o sentido da palavra se torna um atributo” (SAUSSURE, 2004, p. 76) ou quando trata do objeto dos estudos da linguagem:

[...]será errado admitir que esse estado de língua oferece o segundo objeto central, as próprias ideias; ou então as formas; ou os sons

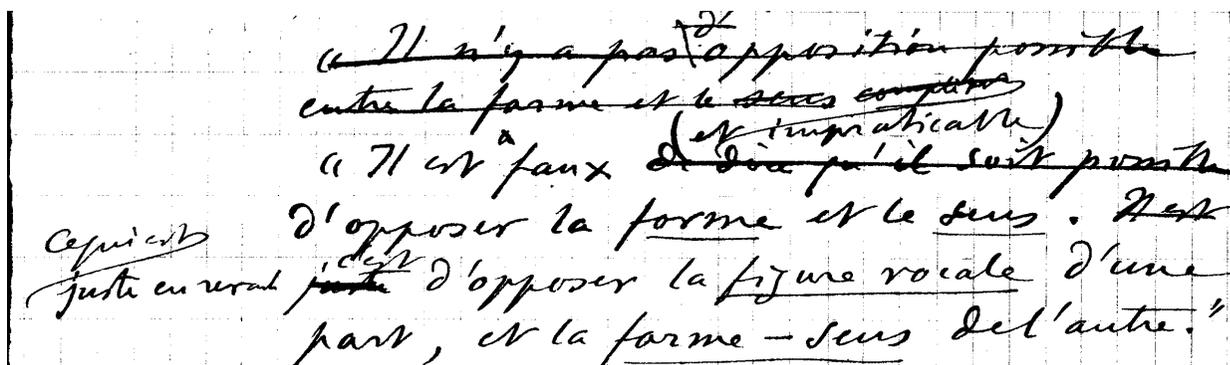
de que se compõem as formas; (objeto necessariamente complexo, deixando de lado seus outros atributos) (SAUSSURE, 2004, p. 79).

As menções à substância e, mais especificamente, à substância linguística são inúmeras. Considerando a possibilidade que a substância, enquanto atributo, constitua a essência, parece-nos que o título desse documento – definido por Engler, catalogador desse conjunto de manuscritos – já aborda pelo menos um dos elementos da discussão sobre forma e substância. A questão é saber como Saussure desenvolve esse tema, que chegará ao linguista do século XX apenas como “a língua é forma, não substância”.

Saussure trata da questão da substância especialmente em relação ao som, o que não surpreende, pois, no final do século XIX, os estudos da linguagem tinham predileção por esse aspecto da linguagem. A discussão sobre as leis fonéticas dominava o cenário das pesquisas mais respeitadas daquele momento. Saussure acompanhava esse movimento, chamado de neogramático, com atenção, e se, por um lado, ele parecia dar respostas melhores que a gramática comparada, por outro, ainda não era isso que Saussure esperava dos estudos da linguagem, como já destacamos no capítulo anterior.

Entretanto, é o outro elemento que compõe essa parêntese, a forma, que vai aparecer, explicitamente, como questão teórica no início da aventura teórica de Saussure nesse manuscrito. Além disso, ele é retomado inúmeras vezes durante o documento. Observe-se a primeira ocorrência do termo:

Figura 16 - Reprodução da folha 06 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 6)

“Não há oposição possível entre a forma e o sentido

“É falso ^(e impraticável) de dizer que seja possível opor a forma e o sensido. Não é justo ^{O que é justo ao contrário} é opor a figura vocal de uma parte, e a forma-sensido de outra.”

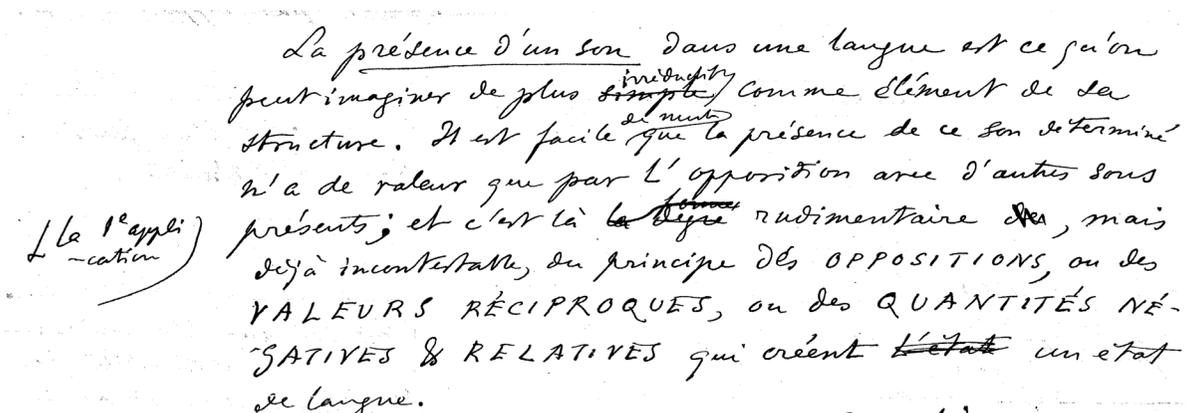
Já na primeira folha do manuscrito o termo aparece logo depois de Saussure afirmar que, na linguística, há cinco ou seis realidades fundamentais que são interligadas. Embora ele apresente o sentido, a forma e a figura vocal como “realidades linguísticas”, é preciso sublinhar que ele dá um passo considerável quando destaca a “figura vocal” do conjunto dessas “realidades linguísticas”. Para ele, como se vê nesse fragmento, forma e sentido estabelecem uma relação, mas não uma relação de oposição. Na verdade, esse par se opõe à figura vocal. Em outro momento, no mesmo manuscrito, ele diz que a figura vocal é apenas uma sucessão de ondas sonoras. Neste sentido, o som não é o mesmo que a forma. Ele afirma, ainda, que, do ponto de vista fonético, na sua época, a figura vocal é separada da ideia e da função, de *sign(ificante)*, que se relaciona com o sentido.

A questão da forma e da substância não cessa de aparecer nesse manuscrito, evidenciando certa relação do genebrino com

essa elaboração. Mais especificamente, nos perguntamos: a quem ele paga tributo ao sustentar essa questão ao ponto de engendrar uma formulação teórica? É por esse viés que acompanharemos a sua aventura escrita.

As definições de figura vocal, forma e sentido ainda não estão suficientemente resolvidas; a relação entre eles, muito menos. Saussure então retorna ao ponto de partida, mas não da mesma maneira. Agora, há uma preocupação que acompanha esse questionamento sobre a natureza do som: trata-se da constatação de que eles são sensíveis às relações com outros sons. Observe-se:

Figura 17 - Reprodução da folha 29 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 29)

A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais ^{irreductível} simples como elemento da estrutura. É fácil ^{mostrar} que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa ^{forme} ~~agrat~~ rudimentar ~~xxx~~, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS & RELATIVAS que criam ~~o estado~~ um estado de língua.

Ao tentar caracterizar o som, Saussure é bastante incisivo, a ponto de pensar em usar os adjetivos “simples” e “irreduzível” para definir o que ele chama de “elemento” da “estrutura”, que responde pela presença dos sons. Porém, ele os rasura, afirmando, em seguida, que é “rudimentar” e “incontestável” a aplicação do princípio de oposição que determina a “presença” dos sons em uma língua.

Ou seja, nessa “estrutura”, outras categorias, para além do som enquanto substância, precisam ser consideradas. Saussure, então, chama para a discussão a noção de oposição como princípio a partir de valores recíprocos e quantidades negativas e relativas.

É preciso admitir, inicialmente, que a repetição dos adjetivos nesse pequeno trecho causa uma estranheza. Outro fato são os termos em caixa alta usados por Saussure, que não são correntes na teoria linguística do século XIX, pelo menos não o suficiente para justificar o peso dos adjetivos (“irreduzível”, “rudimentar”, “simples”, “incontestável”) que ele emprega nesse fragmento. Essa escrita parece estar mais a serviço de uma argumentação que ele considera difícil – justamente por isso os adjetivos são tão fortes, a ponto de desqualificar o interlocutor que discorde.

Nessas condições, ele apresenta a conclusão, agora com dois advérbios, um deles rasurado:

Figura 18 - Reprodução da folha 8 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

D'OPPOSITION, déjà parfaitement clair dans son essence
~~purement relative~~

Fonte: Saussure (1891a, p. 8)

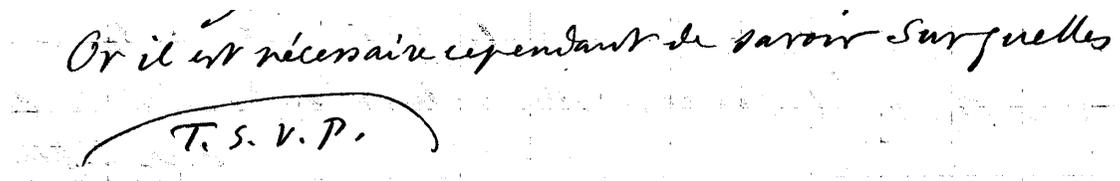
de OPOSIÇÃO, já perfeitamente clara na sua essência
puramente relativa

Lacan (2007, p. 18) dizia que “há mentira indicada em todo advérbio”. O psicanalista francês refere-se àqueles que terminam em *-mente*. Não se trata, aqui, de detectar mentiras, mas sim de uma verdade em falta. Observemos que, especificamente nesse fragmento do manuscrito, o termo “essência” aparece acompanhado de “relativa”. Assim, supõe pelo menos dois elementos. Talvez por isso o título do documento seja *De l'essence double du langage* – essência dupla da linguagem. Tanta assertividade nesse trecho deixa a impressão que falta a Saussure uma terminologia adequada ao que pretende dizer, em consonância com a carta à Meillet na qual ele deplorava a terminologia linguística da época e falava da necessidade de reformulá-la.

A carta e esse manuscrito são contemporâneos: a primeira é de 1894 e o segundo é iniciado em 1891. Poderíamos dizer que Saussure paga seu tributo a uma necessidade incontornável da área, que ele toma para si, de definir sua terminologia. Lispector (2017, p. 25) dizia: “É o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais”. Saussure parece experimentar essa sensação e busca dar peso as suas afirmações, que são ambiciosas. É verdade. No entanto, suspeitamos que ele ultrapassa a necessidade.

Ressaltemos que, num determinado momento, capital, desse manuscrito, Saussure atenta para a delimitação das unidades na linguagem e finaliza a folha com uma frase inacabada e uma indicação para virar a página: “Ora é necessário entretanto saber sobre quais vire a folha por favor”

Figura 19 - Reprodução da folha 08 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Or il est nécessaire cependant de savoir sur quelles
T. S. V. P.

Fonte: Saussure (1891a, p. 8)

Isso acontece no EDL, na folha 31/310 do Archive 372. Na sequência, encontramos a folha que reproduzimos a seguir. Contudo, no ELG, a edição publicada desse conjunto de manuscritos por Bouquet e Engler, a sequência é outra. Parece que aí o que está em questão são dois tipos de ordenação: uma, na publicação, por itens – (3d), (3e) e (3f) – e, outra, na 372, por coerência da argumentação.

O que percebemos é que, após o questionamento sobre as unidades, Saussure dá uma indicação sobre como resolver a questão. Porém, o catalogador do manuscrito não encontrou tão prontamente a sequência explicativa. Dessa maneira, a sequência daquela folha poderia ser mais de uma, o que também permite que ainda seja outra folha, talvez perdida. O fato é que temos em mãos a escolha de Engler no Archive 372. Ele encadeia essa questão com uma reflexão de Saussure sobre a forma e o sentido. Ao percorrermos essa folha, verificamos, entre as muitas rasuras, uma pergunta direta de Saussure, totalmente interligada com a questão da unidade, justificando, assim, a opção de Engler. Acompanhemos:

Figura 20 - Reprodução da folha 32 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

3 f

— N^s n'établissons aucune différence ^{sérieuse} entre les termes valeur, sens, signification, fonction ou emploi d'une forme, ni même avec l'idée ^{qui} contenue dans une forme; ces termes sont synonymes. Il faut reconnaître toutefois que valeur exprime mieux que les autres l'état ~~mot~~ ^{l'essence} des conditions grâce mot l'essence du fait, qui est ^{l'essence} l'essence de la langue, à savoir que une forme ne signifie pas ~~quelque~~, mais vaut: ~~elle n'est pas ce fait~~ ^{elle n'est pas} ~~là est le point cardinal~~. Elle vaut, par conséquent elle implique ~~l'existence~~ l'existence d'autres valeurs; elle n'est ~~pas~~ ^{elle-même} elle-même, mais ~~alors elle n'est~~ ^{alors elle n'est pas} ~~par elle-même~~, ^{ce qui} ~~la même effet~~ ^{ce qui est} ~~ce qui est en en effet~~ ^{ce qui est} ~~la~~ ^{la} ~~base des choses que nous~~ ^{base des choses que nous} ~~avons prises pour points~~ ^{avons prises pour points} ~~cardinaux~~ ^{cardinaux} ~~pourquoi n'est-elle pas par elle-même?~~ ^{pourquoi n'est-elle pas par elle-même?} ~~ne cessons de l'affirmer; et en second lieu si elle vaut au lieu de signifier, c'est qu'il n'est pas permis de détacher la signification~~ ^{le point que nous} ~~Quelle est ce système de valeurs, au vrai~~ ^{le point que nous} ~~Or pour déterminer ces autres valeurs, il est indifférent~~ ^{le point que nous} ~~Or du moment qu'on parle des valeurs en général, au lieu de parler de la valeur d'une forme, ~~on s'aperçoit~~ ~~qu'elle~~ (laquelle dépend ^{de} ces valeurs générales), on voit que c'est la même chose de se placer dans le monde des signes ou dans celui des significations, qu'il n'y a pas la moindre limite définissable entre ce qui ~~forme~~ ^{forme} ~~vaut~~ ^{vaut} ~~par les formes~~ ^{par les formes} ~~vaut~~ ^{vaut} ~~en vertu de leur différence~~ ^{en vertu de leur différence} ~~reciproque~~ ^{reciproque} ~~et matérielle, ou de ce qu'elles vaut en vertu du sens que nous attribuons à ces différences. C'est une dispute de mots.~~ ^{et matérielle, ou de ce qu'elles} ^{vaut} ^{en vertu du sens que nous attribuons} ^{à ces différences. C'est une dispute de mots.}~~

Fonte: Saussure (1891a, p. 32)

Não estabelecemos nenhuma diferença ^{séria} entre os termos valor, sentido, significação, função ou emprego de uma forma, nem mesmo com a ideia ^{como} conteúdo em uma de uma forma, estes termos são ^{xxx} sinônimos. É preciso reconhecer contudo que valor exprime melhor que qualquer outro termo

o estado palavra as condições graças palavra a essência do fato, que é ^{xxx} geralmente também a essência da língua, a saber que uma forma não significa algo, mas vale: que ela não é isso que é a é ponto cardeal. Ela vale, por consequência ela implica diretamente a existência de outros valores; ela não é por ela mesma, — mas ^{io. ponto que nós} então é ^{io.} qu ela não é por ela mesma, e que é em efeito não é separável isso que é em efeito uma das coisas que nós principalmente radicalmente. Por que não é por ela mesma? não cessaremos de afirmar; e em segundo lugar se ela vale em lugar de significar, é que ela não é permitida de separar a significação que ela é sistema de valores ao xx Ora para determinar os outros valores, é indiferente Ora do momento em que se fala de valores em geral, em lugar de falar ^{por ventura} de o valor de uma forma, percebemos que (o qual depende ^{absolutamente} de valores gerais), vemos que é a mesma coisa de se colocar no mundo dos signos ou naquele das significações, que não há o menor limite definível entre isso que a forma vale que as formas valem em virtude de sua diferença recíproca ^{e material,} ou disso que elas valem em virtude do sentido que nós associamos a essas diferenças. É uma disputa de palavras. -

Essa folha chama a atenção. Sua finalização é contundente, escrita no último espaço da folha, com letras menores e apertadas para caber o ponto final, tantas vezes ausente no seu manuscrito: “É uma disputa de palavras”. Embora não reste dúvida da assertividade do linguista, a expressão³³, em português, causa estranheza. Voltaremos a ela.

Retornemos à ordem dada pelo catalogador no arquivo 372.

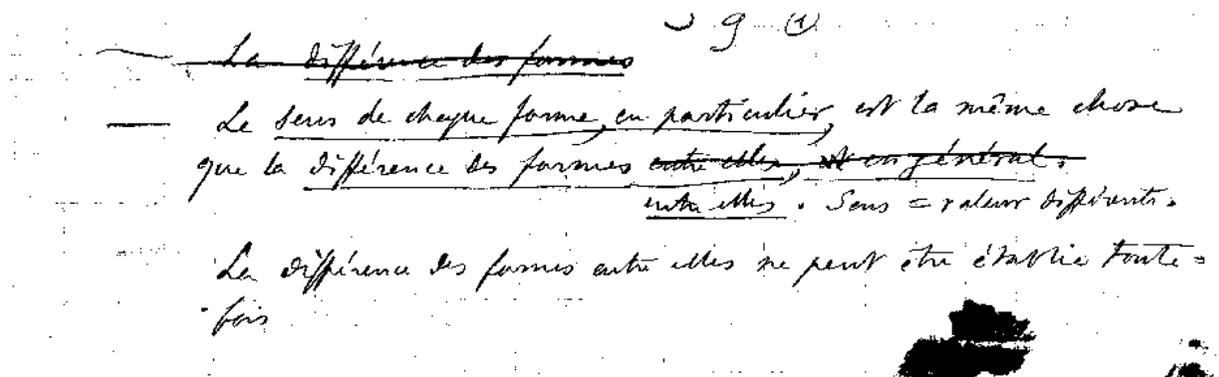
33 Essa última frase parece ser uma expressão antiga de língua francesa; no dicionário Littré há uma referência a ela atribuída à escritora Germaine de Staël (1766-1817): “*Les disputes de mots sont toujours des disputes de choses ; car tous les gens de bonne foi conviendront qu'ils ne tiennent à tel ou tel mot que par préférence pour telle ou telle idée.*”

A partir dela, o questionamento sobre a unidade de um termo na linguagem é encadeado com a discussão colocada sobre a forma. Sabemos que esta já havia sido tratada por Saussure, considerando que ela não contém a sua significação. Tal percurso de elaboração acaba por dar aos elementos teóricos a seguinte configuração: unidade forma vazia. Essa possibilidade de conceber a unidade gera perplexidade no próprio Saussure, o que motiva uma série de rasuras, evidenciando um momento de suspensão do saber constituído sobre a linguagem, não só no século XIX, mas especialmente para o próprio linguista, dando espaço a uma nova elaboração.

A asserção “ela não é”, referindo-se à forma, é escrita e rasurada cinco vezes. É entre essas rasuras que surge a grande pergunta que ainda não havia sido feita nos estudos da linguagem da época: “Por que ela não é por ela mesma?”. É importante ver, nesse ponto da sua elaboração, que “a essência de um fato”, “a essência de uma língua”, é o seu valor e não a sua substância.

Após esse embaraço, na folha 36 do manuscrito, Saussure se ocupa de estabelecer do que se trata quando se fala da diferença das formas:

Figura 21 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



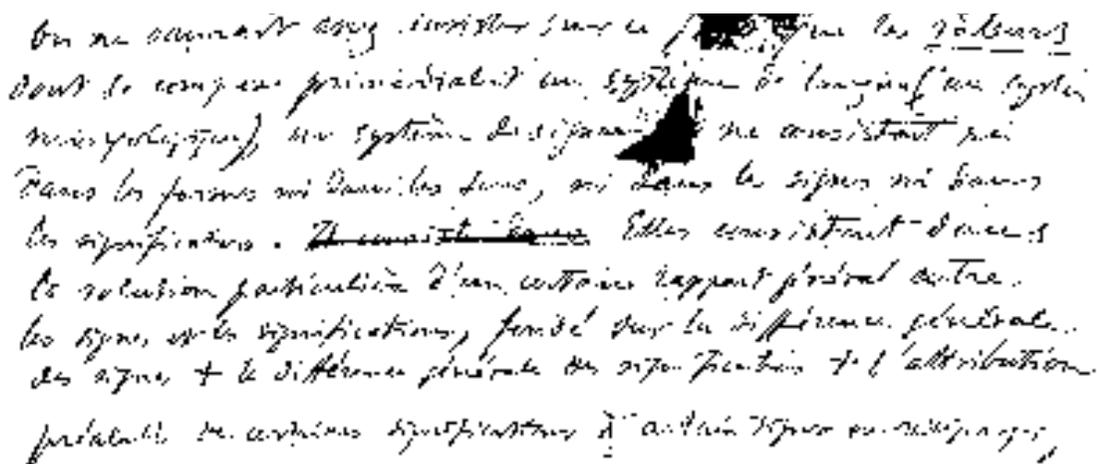
Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

- A diferença das formas
- O sentido de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a diferença das formas entre elas, e em geral,
entre elas. Sentido = valor diferente.

A diferença das formas entre elas não pode ser estabelecida entretanto

Entre muitos traços de rasuras e de sublinhados, ele equipara, inicialmente, sentido e forma e, depois, sentido e valor, interrompendo a reflexão com uma frase inacabada. Após esse fragmento, surge um risco que corta toda a folha e, então, segue-se o texto abaixo, quase sem rasuras, embora com manchas do seu tinteiro:

Figura 22 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



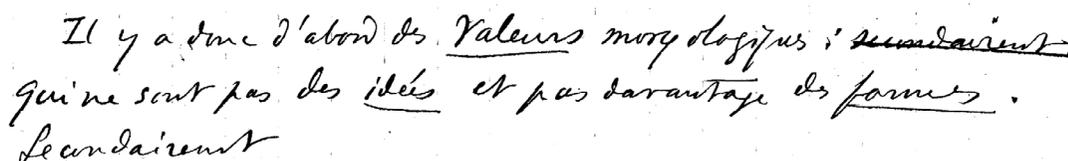
On ne saurait dire, en effet, que les valeurs
dout le composé primordial est un système de langage (un système
morphologique) un système de signes ~~qui ne consistent pas~~
dans les formes ni dans les sons, ni dans les signes ni dans
les significations. Elles consistent dans
la solution particulière d'un certain rapport global entre
les signes et les significations, fondé sur la différence générale
des signes + la différence générale des significations + l'attribution
partielle de certaines significations à certains signes ou réciproquement.

Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

Não seria demais insistir sobre esse fato que os valores dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico) um sistema de sinais que não consiste nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. ~~Ele consiste na~~ Elas consistem na solução particular de uma certa relação entre os signos e as significações, fundado sobre a diferença geral dos signos + a diferença geral das significações + a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente.

Percebe-se, de modo evidente, que ele retoma as questões anteriores e as desenvolve, agora, em torno de um elemento teórico que parece ter a potência articulatória que ele necessitava: sistema (de língua, morfológico, de sinais). Ele ainda não sabe muito bem definir esse sistema, mas a observação relevante que ele faz nesse momento é que o sistema articula as diferenças, as quais ele percebeu não conseguir definir *per se*. Esse sistema engendra valores, cuja definição também lhe escapa. Vejamos:

Figura 23 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Il y a donc d'abord des valeurs morphologiques: secondairement
qui ne sont pas des idées et pas davantage des formes.
Secondairement

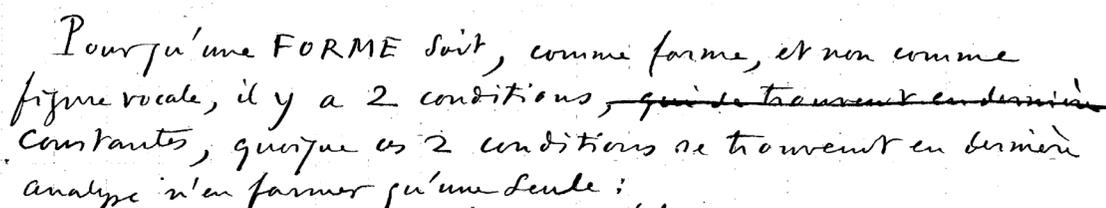
Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

Há portanto de início valores morfológicos: secundariamente que não são ideias e também não são formas.

Secundariamente

Valores, portanto, não são *ideias* – isso que conhecemos atualmente por significado – nem *formas* – o que conhecemos atualmente por significante. Dessa forma, ele volta a sua tentativa de definir forma:

Figura 24 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



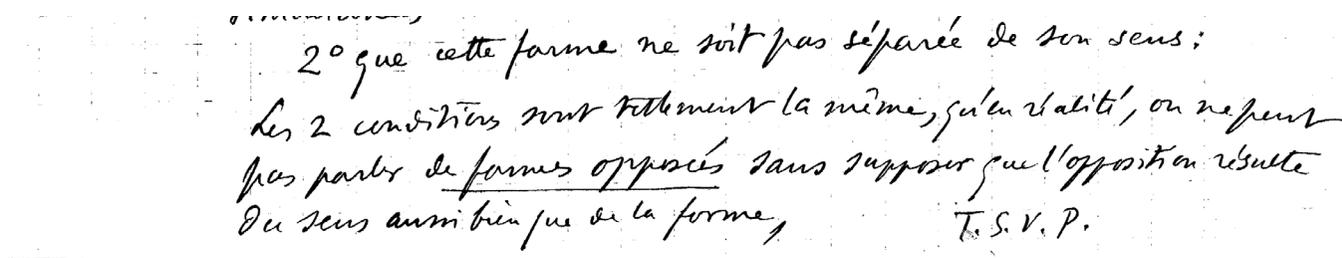
Pour qu'une FORME soit, comme forme, et non comme figure vocale, il y a 2 conditions, ~~qui se trouvent en dernière~~
constantes, quoique ces 2 conditions se trouvent en dernière
analyse n'en former qu'une seule: . . .

Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

Para que uma forma seja, como forma, e não como figura vocal, há 2 condições, ~~que se encontram em última~~ constantes, apesar das 2 condições se encontram em última análise formam apenas uma

Aqui, ele insiste na diferenciação entre forma e figura vocal. Retornamos, assim, à questão do som, que o impede de dar a concepção adequada à forma. Então, ele propõe duas condições constantes para tanto, esclarecendo-as da seguinte maneira: a primeira condição toca a horizontalidade das relações no signo, ou seja, a forma não deve ser separada da sua oposição com outras formas simultâneas; já na segunda condição, ele toca a verticalidade das relações no signo e caminha um pouco além:

Figura 25 - Reprodução da folha 36 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 36)

2. que essa forma não seja separada de seu sentido:

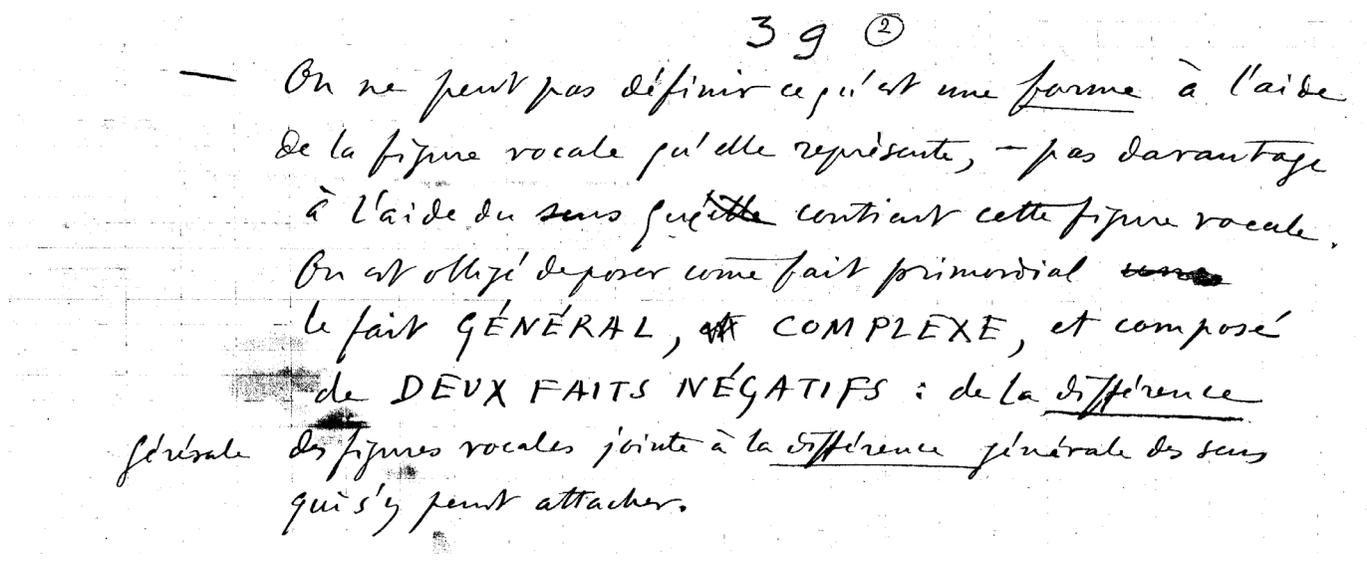
As 2 condições são realmente as mesmas, que em realidade, não se pode falar de formas opostas sem supor que a oposição resulte do sentido assim como da forma,

Vire a página por favor

Na verticalidade, todavia, não há forma sem sentido. O termo bastante específico e atualmente conhecido da elaboração saussuriana vai, nesse manuscrito, auxiliá-lo a estabelecer como se pode definir cada elemento (forma ou sentido) em relação ao outro:

pela oposição. Tal percurso o induz a ser mais categórico:

Figura 26 - Reprodução da folha 37 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 37)

Não se pode definir o que é uma forma com a ajuda da figura vocal que ela representa, - e também não com a ajuda do sentido que ela contém essa figura vocal. Fica-se obrigado a colocar como fato primordial uma o fato GERAL, e COMPLEXO, e composto de DOIS FATOS NEGATIVOS: da diferença ^{geral} das figuras vocais associadas à diferença geral dos sentidos que se pode atribuir a elas.

Nesse fragmento, ele assegura que não é possível definir forma com a ajuda da figura vocal ou do sentido que ela possa conter. Ele sugere, então, que se considere um fato geral e complexo, composto de dois fatos negativos, termo de que ainda não tinha lançado mão. Esses fatos negativos são (i) a diferença geral das figuras vocais associadas à (ii) diferença geral dos sentidos. Tal proposta assinala uma direção na aventura traçada por Saussure, nesse manuscrito, que ultrapassa a reformulação da terminologia e, inclusive, se dirige a algo ainda desconhecido para ele, cuja formulação os linguistas do

século XIX não conheciam enquanto tal.

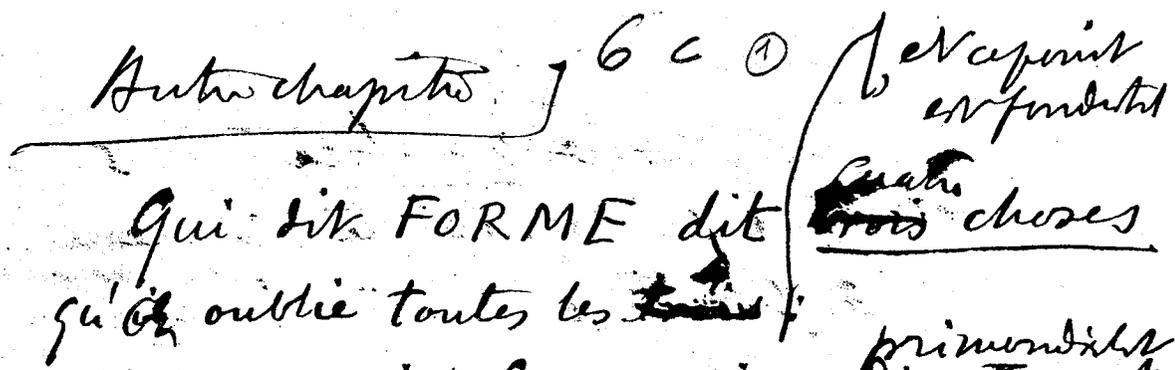
É a isso que nos referíamos quando anunciávamos que, nesse ponto da sua aventura, Saussure pagava seu tributo à Ananche (a Necessidade), mas talvez fosse além. Esse caminho o levou a muito mais do que “redefinir a nomenclatura”: ele acabou propondo uma maneira de entender o funcionamento da língua. Retornamos, assim, a Agamben, ao afirmar que “Eros é a potência que, na aventura, constitutivamente, a excede, assim como excede e passa por cima daquele a quem ela advém” (AGAMBEN, 2018, p. 63).

A noção de sistema com todo o seu corolário teórico – valor, oposição, diferença, negatividade – chega a Saussure na condição de poder enlaçar as questões sobre a língua que ele buscava responder, a saber, esses dois elementos heterogêneos a cujo ponto de junção o linguista deveria se ater e que forma a unidade mínima da linguagem. Ou seja, embora, nesses fragmentos trazidos por nós, Saussure insista em caracterizar a forma e a substância, ou a essência da linguagem, ele acabou por se perguntar: como dizer da identidade dessa unidade com a terminologia corrente?

Ele efetivamente reformulou essa terminologia, de algumas maneiras, mas precisou de mais do que isso. A noção de sistema, que não é nova para Saussure, foi capaz de lhe trazer a possibilidade de falar de um funcionamento da língua que ultrapassou a necessidade que ele tomou para si e o colocou em outra dimensão da sua aventura no manuscrito. É aí que ele paga seu tributo a Eros, uma das potências que presidem a existência humana e que é justamente a dimensão do entrelaçamento.

O próprio Saussure, contudo, continua a tentar uma boa definição de forma. Ele segue e, muitas páginas adiante, escreve, no alto de uma folha, “Autre chapitre”. Aparece, então, mais uma tentativa de definir algo que já foi “névoa úmida”:

Figura 27 - Reprodução da folha 55 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 55)

Outro capítulo

Quem diz FORMA diz ~~três~~^{quatro} coisas

que esquece todas as ~~três~~^{que esse ponto é fundamental}

Ele passa a expor quais são as possibilidades de entender forma. Em uma página, ele apresenta três delas. A primeira, desenvolvida em sete linhas, é relacionada à “diversidade” de formas. Em seguida, em onze linhas, ele desenvolve a segunda maneira de entender a forma, associada à “coexistência”. Ele chega a usar a palavra “sistema”, a rasura e a repete em seguida, entretanto, acaba por a rasurar, com duas linhas diagonais opostas, como se fosse um grande xis, toda essa segunda maneira de entender a forma. De modo mais sucinto, retoma a exposição dessa segunda maneira em sete linhas: “pluralidade” de formas, rasurando, novamente, a palavra “sistema”. Finalmente, ele concebe a terceira maneira, que é rapidamente explicada com “quem diz forma, ou seja, diferença numa pluralidade”. Nesse momento, ele interrompe a frase, deixando de lado a quarta “coisa” anunciada. Então ele se precipita, como se houvesse descoberto algo:

Figura 28 - Reprodução da folha 56 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

Forme implique : DIFFÉRENCE : PLURALITÉ. (SYSTÈME?). SIMULTANÉITÉ - VALEUR SIGNIFICATIVE

Fonte: Saussure (1891a, p. 56)

Forma implica: DIFERENÇA: PLURALIDADE. (SISTEMA?). SIMULTANEIDADE. VALOR SIGNIFICATIVO.

Em um aglomerado de palavras que escapa à sintaxe tradicional, ele inclui na definição de forma os termos: “diferença”, “valor” e “sistema”. Este último, considerado a pedra angular da sua teoria, encontra-se, nesse momento, literalmente entre parênteses e é acompanhado por um ponto de interrogação. Mesmo os termos “diferença” e “valor”, que compõem a noção de sistema, estão acompanhados por outros termos, como “pluralidade”, “simultaneidade” e “significativo”. Estes últimos termos, mais desconhecidos dos leitores do CLG, estão, na verdade, encapsulados no que hoje conhecemos como teoria do valor. O termo “sistema” merece toda nossa atenção, porque é dele que decorrerá a noção de estrutura que os leitores de Saussure depreendem do CLG. Também é importante atentar para o termo “simultaneidade”, o qual evoca o que hoje conhecemos, em linhas gerais, pela linguística sincrônica.

Nesse momento da aventura de Saussure no manuscrito EDL, percebemos o quanto a compreensão do que é a forma na língua (gem) está vinculada à noção do caráter diferencial dos elementos que a compõem. Além disso, para compreender o funcionamento da

língua(gem), foi necessário içar a noção de valor para que se pudesse pensar em um sistema constituído por diferenças negativas na simultaneidade dos elementos. Fora dessa complexidade, a noção de forma na língua(gem) não se sustenta na teoria saussuriana.

Evidentemente, nos perguntamos se poderíamos chegar a essa mesma conclusão a partir da leitura do CLG. Sim. Esperamos poder mostrar isso a seguir, porque é espantoso que essa pequena formulação presente no manuscrito possa ter tantos elementos de uma teoria complexa – desenvolvida ao longo de muitas páginas no CLG – e, em apenas meia dúzia de palavras justapostas em três linhas, quase duas décadas antes, ela apareça tão potente nesse manuscrito.

É dessa maneira que o esboço de uma ideia em formulação pode iluminar a teoria já formulada: a concisão, não no formato de um resumo, mas de uma espécie de “palavras-chave”, com o efeito potente de uma rubrica que abrevia ou condensa uma assinatura, nesse caso, de toda a teoria linguística do genebrino. No entanto, cabe observar que essa impressão pertence ao leitor do CLG que lê o manuscrito em um momento posterior à publicação do livro que reúne as aulas de Saussure segundo a escuta de seus alunos. A nós interessa, nesse momento, o processo do escritor. Ele precisa ser dissociado do efeito que tem no leitor de Saussure, que está sujeito a esse processo histórico que nos deu o CL, antes do manuscrito. O manuscrito precede o CLG. Entre um e outro se passaram aproximadamente duas décadas, durante as quais Saussure escreveu e, como mostra o acompanhamento desse manuscrito e outros estudos, precedeu alguns deslocamentos teóricos.

Assim, seguimos o *modus operandi* de formulação teórica de Saussure, percebendo o quanto ele nos ensina sobre o processo de escrita ser constitutivo de uma elaboração teórica. Nesse caso específico, nota-se que ele chega a esboçar um modo planejado,

anunciando três maneiras de pensar a noção de forma na língua(gem) e acrescentando mais uma maneira, rasurando-a. Por fim, são anunciados quatro modos. Mas, à medida que Saussure os vai estabelecendo, ele diminui o tamanho e a complexidade das formulações sintáticas, progressivamente, até se interromper no terceiro modo e, em seguida, irromper em uma espécie de associação livre de termos, em caixa alta, recuperáveis tanto em sua formulação anterior quanto posterior, porém já em uma ordenação que sugere uma elaboração sobre o tema, como se pode conferir ao longo da sua aventura no complexo manuscrito.

No entanto, Saussure não se detém aí. Em outro ponto do manuscrito, retoma alguns elementos dessa fórmula, mas com outras questões:

Figura 29 - Reprodução da folha 150 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

$\frac{1}{2} \frac{3}{6}$ 20 b ①
 le proposant
 à l'attente
 est
 Il me semble qu'on peut l'affirmer, etc.
 On ne le pénétrera jamais assez
 de l'essence purement négative, pu-
 rement différencielle, de chacun des
 éléments linguistiques ^{distincts} (absolument quel-
 que langue) auxquels nous accordons une
 préexistence; il n'y en a aucun, dans
 aucun ordre, qui possède cette existence
 supposée - laquelle peut-être est ~~soit~~
~~insupportable pour l'esprit des à recon-~~
 se l'adulte, ~~mais~~ nous soyons appelés à
 reconnaître que, sans cette fiction, l'esprit
 se trouve ^{littéralement} incapable de maîtriser cette
 une pauvre somme de différences, où il n'y a
 nulle part à aucun moment un point
 de repère positif et ferme.

Fonte: Saussure (1891a, p. 150)

Parece-me que se pode afirmar,
 propondo para consideração ~~que~~ jamais se penetrará o suficiente
 na essência puramente negativa,
 puramente diferencial,
 de cada um dos elementos linguísticos ^{da linguagem}, ~~absolutamente qual~~
~~xxxxxx~~ aos quais encontramos ~~uma~~
 precipitadamente ~~uma~~ existência; não há nenhum, em
 nenhuma ordem, que possua essa existência
 suposta – embora talvez ~~que ela seja~~
~~impossível para o espírito de reconhecer~~
~~necessária~~ ^{eu entendo} que nós sejamos chamados a
 reconhecer que, sem essa ficção, o espírito
 seria ~~xxxxxx~~ ^{literalmente} incapaz de dominar ~~esta~~
 uma tal quantidade de diferenças, em que não há
 em nenhuma parte em nenhum momento um ponto
 de referência positivo e firme.

Nesse fragmento, Saussure dá por certo o funcionamento do sistema e se questiona a respeito de como podemos atestar a existência de um elemento puramente diferencial, puramente negativo. É importante perceber que a noção de essência enquanto substância não se sustenta nessa formulação. De fato, é o que se recupera no CLG, especificamente no capítulo IV da Segunda parte, “O valor linguístico”, no qual ele afirma que “a linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens [som/pensamento] se combinam; essa combinação produz uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 131). Em seguida, ele é categórico: “Dito de outro modo, a língua é uma forma e não uma substância” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 141).

Nas dez páginas que, no CLG, separam a primeira afirmação e a reiteração que constituem o aforisma saussuriano, é desenvolvida a teoria do valor. Para tanto, Saussure se vale de algumas metáforas. A primeira, ao referir-se a uma moeda, ao sistema monetário,

traz a seguinte afirmação: “Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 134). Saussure também usa uma metáfora para falar da “substância inerte do pano” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 126) que não faz a identidade da língua.

Essas formulações estão estreitamente ligadas ao que ele chama, em seguida, de “realidade sincrônica”. Entretanto, no que diz respeito à língua, a realidade não é tão simples:

Dessarte, a linguística trabalha incessantemente com conceitos forjados pelos gramáticos, e sem saber se eles correspondem realmente a fatores constitutivos do sistema da língua. Mas como sabê-lo? E se forem fantasmas, que realidade opor-lhes? (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 126).

Nesse excerto, cheio de interrogações, os conceitos gramaticais são questionados em contraposição ao sistema da língua apresentado pelo linguista suíço. Porém, lhe ocorre a dificuldade de expor os fatores constitutivos desse sistema. Em um fragmento do manuscrito que apresentamos (Figura 29), Saussure traz a noção de ficção, aqui, de fantasmas. Ao que parece, esses termos surgem quando se trata de recuperar a essência de determinado elemento da língua, seja um som ou uma entidade gramatical. Nesse caso, nomear como ficção ou fantasma tem sua importância, porque dá um estatuto a essa existência e ao mesmo tempo oferece a possibilidade de propor outra realidade. É o que Saussure faz ao introduzir a metáfora do xadrez e articular a teoria do valor à sincronia. Essa articulação fundamenta a outra realidade que se opõe à ficção e aos fantasmas, que, não obstante, permanecem na língua e não são dispensáveis, como ele afirma no fragmento citado do manuscrito.

Figura 30 - Reprodução da folha 195 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372

SUBSTANCE LINGUISTIQUE. - Nous tendons perpétuellement à convertir par la pensée en substance linguistique les actions ^{diverses} que nécessite le langage (§). - Il semble nécessaire d'adopter dans la théorie même ^{d'opores} cette conception (§). - Il y aura 4 genres de substance linguistique, correspondant aux 4 formes d'existence de la langue. - Il n'y a point ^{à admettre} de substance fondamentale ~~(§)~~, recevant ensuite des attributs (§).

Fonte: Saussure (1891a, p. 195)

SUBSTÂNCIA LINGUÍSTICA. — Nós tendemos perpetuamente a converter pelo pensamento em substância linguística as, as ações ^{diversas} que necessita a linguagem (x) - Parece necessário adotar na teoria mesmo ^{de opor} esta concepção (x). - Há 4 tipos de “substância” linguística, correspondentes às 4 formas de existência das línguas. - Não há ^{a admitir} qualquer substância fundamental (x), que receba em seguida os atributos (x).

Nesse fragmento, Saussure retoma a noção de substância –, nesse caso, linguística –, mas se preocupa em levantar que tipo de relação há entre as duas. Mais ainda, para ele há quatro tipos de substância que correspondem a quatro formas de existência da língua. Ele não expõe esses quatro tipos de substâncias linguísticas. Porém, importa que ele coloca a noção de substância ao lado da noção de forma e recusa a ideia de substância recebendo atributos. A seguir, no mesmo manuscrito, ele assevera que há “ausência total de seres linguísticos dados em si mesmos” (SAUSSURE, 2004, p. 75). Vê-se que ele está às voltas com o que já tinha chamado de “fantasmas”, de “ficção”, em oposição à “realidade”, à “existência” da língua. Não é à toa que ele passa muito tempo nesse manuscrito pensando sobre o caráter negativo da língua.

A questão incontornável entre o EDL e o CLG é a natureza incompatível do título do primeiro com a conhecida afirmação de que “a língua é forma e não substância”, encontrada no CLG. Ao examinarmos a relação entre o título do manuscrito e o aforismo publicado, de modo a acompanharmos a elaboração do linguista e também compreendermos o modo de presença desses dois elementos no objeto da linguística, percebemos que se, por um lado, essa elaboração está a serviço da necessidade de rever a terminologia em linguística, por outro, ela acaba encadeando uma formulação surpreendente para o próprio Saussure.

Assim, forma e substância se deparam, nessa aventura, com a questão sobre o “sistema”, que merece toda nossa atenção, porque é dele que decorrerá a noção de estrutura que os leitores de Saussure depreendem do CLG.

Notemos o modo de elaboração do linguista ao se questionar sobre a natureza da língua. Sua escrita vai tocando outros pontos teóricos e uma teorização tem efeito sobre outras, de maneira que

muitos aspectos conceituais se transformam, num movimento que, se não é simultâneo, é, pelo menos, espiral. Parece-nos chegado o momento para abordar outro tema caro à linguística: as noções de sincronia e diacronia, que possivelmente estão articuladas com as noções de forma e substância.

CAPÍTULO 4 - SINCRONIA E DIACRONIA

As formulações saussurianas são, por um lado, tão naturalizadas, como se elas sempre estivessem aí, e, por outro, tão glorificadas, que aquele que, de fato, não é um leitor das suas produções corre o risco de confortar o seu desconhecimento em uma dessas armadilhas que o juízo de valor nos prepara na linguística e em tantos outros espaços de conhecimento. Essa armadilha é ainda mais perigosa no caso de uma das chamadas dicotomias saussurianas, a sincronia e a diacronia, justamente porque cada um desses dois princípios, numa certa recepção da obra do genebrino, acabou por resumir em si uma posição epistemológica que o termo “dicotomia” acaba por colocar não só como oposto, mas, no caso da epistemologia linguística, como rival. Na verdade, uma leitura do próprio CLG pode mostrar que essa oposição excludente não é um caminho que favorece uma boa reflexão sobre a produção de Saussure.³⁴

No início da segunda metade do século XX, as edições críticas do CLG já começaram a nos fornecer informações sobre as formulações de Saussure, especialmente sobre a diacronia e a sincronia. Tullio de Mauro (1986b [1967]), na nota 170 de sua célebre edição crítica do CLG³⁵, retoma o trabalho de Robert Godel (1957) para nos trazer

34 Para um aprofundamento dessa questão, ver Giembinsky (2019).

35 Essa nota visa trazer informações acerca de um parágrafo do capítulo III da primeira parte do CLG, “A linguística estática e a linguística evolutiva”. Mais especificamente, esse é o último parágrafo da p. 96 na edição brasileira de 1973, da editora Cultrix.